



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**DIANA MANNES KOCH**

***FICAR OU PARTIR***

***Os dilemas da juventude rural em Antônio Carlos, SC***

**RELATÓRIO TÉCNICO do *Trabalho de Conclusão  
de Curso* apresentado à disciplina de *Projetos  
Experimentais*, ministrada pelo Prof. Fernando  
Antônio Crocomo, no segundo semestre de 2019.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Maria Terezinha da Silva.**

**Florianópolis  
Dezembro de 2019**

<b>FICHA DO TCC</b>	<b>Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC</b>	
<b>ANO</b>	2019	
<b>ALUNO</b>	Diana Mannes Koch	
<b>TÍTULO</b>	Ficar ou Partir: os dilemas da juventude rural em Antônio Carlos, SC	
<b>ORIENTADOR</b>	Maria Terezinha da Silva	
<b>MÍDIA</b>	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso
	<input type="checkbox"/>	Rádio
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo
	<input checked="" type="checkbox"/>	Foto
	<input type="checkbox"/>	Web site
	<input type="checkbox"/>	Multimídia
<b>CATEGORIA</b>	Pesquisa Científica	
	Produto Comunicacional	
	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro) Local da apuração: Antônio Carlos, SC.
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem livrorreportagem ( ) ( ) Florianópolis (X) Brasil (X) Santa Catarina ( ) Internacional ( ) Região Sul País: _____
<b>ÁREAS</b>	Jornalismo; Agricultura familiar; Juventude rural; Êxodo rural; Antônio Carlos/SC	
<b>RESUMO</b>	<p>Antônio Carlos abriga uma linhagem inteira de agricultores, frutos da terra fértil e da água em abundância. As famílias que ali residem construíram debaixo de sol e chuva — literalmente — o título de Capital Catarinense de Hortaliças e Hortifrutigranjeiros. No entanto, a falta de acesso a assistência e educação e o não reconhecimento da profissão são algumas das razões que fazem com que chefes de família encorajam os filhos a morar e trabalhar nas cidades para “escapar” do campo. A decisão entre ficar e partir torna-se um desafio para a juventude que vive em uma realidade ambígua porque, por um lado, o campo traz segurança e afeto, mas, por outro, carece de novos olhares. Para mostrar os dilemas dos jovens rurais de Antônio Carlos, este Trabalho de Conclusão de Curso é uma Grande Reportagem em Texto sustentado em pesquisa e em entrevistas com seis famílias agricultoras, assim como pesquisadores e líderes locais. A narrativa se estrutura em seis retrancas divididas nas pautas (1) apresentação do município, história e tradição (2) a importância da agricultura familiar e da cidade enquanto maior produtora de hortaliças de Santa Catarina (3) os dilemas dos jovens rurais e os motivos de ficar ou de partir (4) o poder paterno e a influência dos pais na decisão (5) a tecnologia e interação social e (6) a falta de políticas públicas e o preconceito com a profissão.</p>	

Dedico este trabalho aos meus pais, Antônio e Mariléia, e a todos os agricultores familiares que, assim como eles, lutam por reconhecimento e autonomia.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, e de forma especial, os agricultores e suas famílias onde realizei a apuração desta reportagem. Embora muitas vezes o tema tenha obrigado a invadir sua privacidade, sempre fui recebida de forma amável e gentil. São os agricultores familiares a razão primeira deste trabalho. Espero que as histórias retratadas possam se converter em admiração pelo seu trabalho árduo e em políticas efetivas em seu apoio e fortalecimento.

Aos meus pais, Antônio e Mariléia, que também são agricultores e me ensinaram desde cedo a plantar sementes do bem. São minha inspiração para qualquer hora. Meu pai, Ditcha, que não mediu esforços para que essa graduação fosse concluída. Que me esperava no ponto de ônibus e me buscava de carro à noite em Biguaçu. Minha mãe, Léia, que mesmo sem ter completado os estudos sempre foi minha Editora Chefe. Todos os textos e reportagens que neste curso realizei passaram pela sua leitura e aprovação, inclusive este TCC.

À minha irmã Natalia, que partilhou não só o quarto, mas também as minhas angústias durante toda a graduação até o TCC e que conversava comigo sobre assuntos aleatórios, jogava vôlei e aceitava assistir *Friends* para descontraí-la. Obrigada pela paciência, pela companhia e pelos risos enlouquecidos (e sem explicação lógica) antes de dormir.

Aos meus avós, especialmente meu avô Nelson Koch, que me ajudou com depoimentos da sua juventude e histórias da cidade de Antônio Carlos. Obrigada pelos livros emprestados e, principalmente, por discutir comigo assuntos diversos, desde religião e até política.

Agradeço também ao Nicolas Avansini pela ilustração da capa e à colega de turma, Carol Gómez e seu noivo, Otávio Francisco, que me auxiliaram na diagramação. Obrigada pelas contribuições e por dividirem comigo seus conhecimentos.

Minha eterna gratidão a todos os professores e os meus colegas da turma 2015.1 que me acompanharam durante a trajetória dentro do curso, parceiros de tantos trabalhos e discussões profundas e importantíssimas para o meu crescimento. Às minhas colegas da disciplina de Voleibol Aperfeiçoamento, Alycya, Ana, Lara e Sabine, que me aguentaram falando sobre o TCC, me apoiaram nos dias difíceis e dividiram a bola e a quadra comigo durante estes semestres intensos e felizes.

À minha orientadora, Maria Terezinha da Silva, pela paciência e o comprometimento comigo. A sua dedicação foi essencial para que eu conseguisse manter o foco e terminar este trabalho. Obrigada pelos ensinamentos e por sempre transmitir paz em suas palavras.

Deixo também aqui registrado minha gratidão a UFSC e ao curso de Jornalismo, que me possibilitaram tantas vivências enriquecedoras. O que vivi durante esses cinco anos de graduação, em uma universidade pública, jamais poderia ter vivido em outro lugar.

## RESUMO

Antônio Carlos abriga uma linhagem inteira de agricultores, frutos da terra fértil e da água em abundância. As famílias que ali residem construíram debaixo de sol e chuva — literalmente — o título de Capital Catarinense de Hortaliças e Hortifrutigranjeiros. No entanto, a falta de acesso a assistência e educação e o não reconhecimento da profissão são algumas das razões que fazem com que chefes de família encorajam os filhos a morar e trabalhar nas cidades para “escapar” do campo. A decisão entre ficar e partir torna-se um desafio para a juventude que vive em uma realidade ambígua porque, por um lado, o campo traz segurança e afeto, mas, por outro, carece de novos olhares. Para mostrar os dilemas dos jovens rurais de Antônio Carlos, este Trabalho de Conclusão de Curso é uma Grande Reportagem em Texto sustentado em pesquisa e em entrevistas com seis famílias agricultoras, assim como pesquisadores e líderes locais. A narrativa se estrutura em seis retrancas divididas nas pautas (1) apresentação do município, história e tradição (2) a importância da agricultura familiar e da cidade enquanto maior produtora de hortaliças de Santa Catarina (3) os dilemas dos jovens rurais e os motivos de ficar ou de partir (4) o poder paterno e a influência dos pais na decisão (5) a tecnologia e interação social e (6) a falta de políticas públicas e o preconceito com a profissão.

**Palavras-chave:** jornalismo; agricultura familiar; juventude rural; êxodo rural; Antônio Carlos/SC.

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO DO TEMA .....</b>	<b>8</b>
1.1. Perfil do agricultor familiar.....	11
<b>2. JUSTIFICATIVAS .....</b>	<b>13</b>
2.1. Tema.....	13
2.2. Mídia.....	15
2.3 Local.....	17
<b>3. PROCESSO DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
3.1. Pré-apuração.....	18
3.2. Apuração .....	19
3.3. Redação .....	22
3.4. Fontes .....	25
3.5. Diagramação .....	26
3.6. Fotografia .....	27
<b>4. CUSTOS.....</b>	<b>28</b>
<b>5. DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADOS .....</b>	<b>29</b>
<b>6. DIVULGAÇÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE.....</b>	<b>34</b>

## 1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

A agricultura familiar brasileira é responsável por cerca de 70% dos alimentos consumidos em todo o país. Produtos como mandioca (87%), feijão (70%), carne suína (59%), leite (58%), carne de aves (50%) e milho (46%) são os principais grupos que compõem uma propriedade agrícola (ONU, 2014). Este tipo de produção, denominada agricultura familiar, possui uma dinâmica particular. Nela, a gestão dos negócios e da propriedade está diretamente ligada à família, em que as atividades exercidas são divididas entre seus componentes e são sua maior fonte de renda (LAMARCHE, 1993).

A organização da agricultura contemporânea fere duas importantes premissas consideradas por Max Weber (1905/1999:8) como essenciais à formação do capitalismo. Em primeiro lugar, a maior parte da agricultura contemporânea não se apoia na separação entre negócio e família. Além disso, o local de residência, na maior parte das vezes, se confunde com o local de trabalho. (SILVESTRO, 2001, p. 25).

Segundo o Censo Agropecuário de 2017, 77% de todos os estabelecimentos rurais são administrados por famílias que se enquadram no conceito estabelecido pela conhecida Lei da Agricultura Familiar, a Lei Federal 11.326 de julho de 2006:

É considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, possui área de até quatro módulos fiscais, mão de obra da própria família, renda familiar vinculada ao próprio estabelecimento e gerenciamento do estabelecimento ou empreendimento pela própria família. (BRASIL, 2006, p. 1).

A lei ainda estabelece os casos que não necessariamente atendem a esses requisitos, mas também são considerados agricultores familiares (silvicultores, aquicultores e extrativistas). Além disso, a norma também sofreu alterações em 2009 e 2011, de forma que enquadrasse outros grupos como quilombolas e indígenas.

Esses estabelecimentos, no entanto, ocupam apenas 18% das áreas rurais, sendo que a maior parte, 45%, são de pastagens. (Censo Agro 2017). Mesmo assim, produzem a maior quantidade de gêneros alimentícios e empregam cerca de 75% da população rural, chegando a mais de 90% em municípios de pequeno porte. Santa Catarina é o estado com maior número de propriedades identificadas como agricultura familiar, que representam 82% do total de estabelecimentos agropecuários (IBGE, 2009). É importante ressaltar neste espaço que pela primeira vez em 2006 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) coletou informações específicas sobre agricultura familiar através do Censo Rural. Em julho de 2019 foram divulgados os resultados da segunda edição do Censo Agro, referente a 2017.

A denominação “agricultura familiar” ganhou força a partir da década de 1990 através de movimentos de agricultores que lutavam por reconhecimento e financiamento, concretizados posteriormente pelo Programa Nacional da Agricultura Familiar – PRONAF, do Governo Federal. A partir deste programa enfatizou-se a importância da agricultura familiar e o seu fortalecimento como estratégia de desenvolvimento rural. Isso seria colocado em prática através da reforma agrária e de um ambiente institucional que colaborasse com os produtores, como linhas de crédito rural, pesquisa agropecuária, assistência técnica, extensão rural e infraestrutura. Nesta mesma época, no entanto, os esforços voltados ao campo deram seus primeiros sinais de diferenciação, com foco em questões ambientais, desenvolvimento rural e produção agrícola. Os pequenos agricultores e os consumidores continuavam ausentes da definição destas políticas (MIOR, 2005). Isso porque o que dificultava e dificulta até hoje a implementação de programas voltados para este público são as próprias características deste modelo de negócios, como explica Silvestro:

Os negócios onde não só a propriedade, mas também a gestão e o trabalho, pertencem à família não recebem a atenção dos especialistas exatamente por excluírem a forma de profissionalização característica das empresas patronais. O patrimônio envolvido nestas empresas justifica a mobilização privada de um corpo específico de consultores. Já na agricultura familiar, a sucessão aparece como tema de foro íntimo diante do qual as famílias tomam decisões sem qualquer tipo de orientação profissional. A dimensão de cada negócio não permite um corpo de assessores voltados a esta finalidade. (SILVESTRO, 2001, p. 26).

O movimento na década 90 foi justamente para legitimar a agricultura familiar e, principalmente, criar políticas públicas que atendessem essas necessidades específicas dos produtores, de acordo com os seus respectivos negócios. Embora tenham alcançado alguns objetivos através da criação do PRONAF, ao longo da história do programa, a renda bruta máxima permitida para adquirir financiamento, por exemplo, foi aumentada de forma que somente os agricultores com melhores condições fossem beneficiados.

Apesar da conquista de algumas políticas públicas desde os anos 1990 e o crescente destaque na sociedade e nas mídias, muitas dificuldades são encontradas no campo. A agricultura familiar ainda é afetada pelo preconceito, por exemplo. Termos como “agricultura de baixa renda” ou “pequena produção”, entre outros, são ainda utilizados com frequência para se referir ao negócio. O que nem sempre é verdade. Ou então a visão pejorativa que muitos meios de comunicação passam, do caipira que fala errado, come de boca cheia e é mal-educado. O elemento que define os agricultores familiares é a integração ao mercado – o que os diferencia de camponeses, por exemplo. Portanto, o tamanho da propriedade ou a quantidade produzida através das suas atividades não deveriam importar. (ZANDER, 2010)

Todas estas problemáticas que fazem parte da realidade do agricultor familiar acabam estimulando o êxodo rural que, embora em menor intensidade do que no século passado, ainda é



considerado um fenômeno preocupante. Em 1960 a população rural era de 54% e começou a decair gradativamente ao longo das décadas. Atualmente, de acordo com o último Censo Populacional de 2010, 30 milhões de pessoas vivem no meio rural, o que corresponde a somente 15% da população nacional<sup>1</sup>. O resultado é a falta de sucessores; jovens, filhos de agricultores, que optam por não permanecer no campo e continuar a gerenciar a propriedade. Pesquisas mostram que a juventude em geral não vê futuro no campo. Além disso, não existe mais pressão para que os filhos sigam a profissão dos pais. Pelo contrário. Um estudo realizado por pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) na região Oeste catarinense revela que em 35% das propriedades os pais não estimulam mais os filhos para permanecer na agricultura, independentemente da condição econômica do estabelecimento (SILVESTRO *et al.*, [200-?]). Caso semelhante no município de Saudades, onde Abramovay (1998) observou que os pais incentivam os filhos, principalmente as mulheres, a continuar os estudos em outros municípios mais “urbanizados”. Essa migração, no entanto, significa a destruição de um capital social existente que poderia ser essencial para a inserção das novas gerações na agricultura familiar, em condições melhores às que encontrariam nas grandes cidades, e a construção de projetos de desenvolvimento regional.

O capital social diz respeito a características da organização social, como confiança, normas e sistemas, que contribuam para aumentar a eficiência da sociedade, facilitando as ações coordenadas. Ao possibilitar a ação coletiva e com isso alcançar resultados, o capital social tornar-se-ia produtivo. (PUTNAM<sup>2</sup>, 1996, p. 177, *apud* MIOR, 2005, p. 71).

Esse fenômeno se tornou comum não porque as cidades têm melhores oportunidades, mas sim pela falta de opções no meio rural. A mecanização do campo, a falta de acesso à assistência e educação e o não reconhecimento da profissão são algumas das razões que fazem com que chefes de família encorajam os filhos a morar e trabalhar nas cidades para “escapar” do campo. O rural se transformou e necessita de um olhar atento sobre suas problemáticas. Mior fala sobre o novo rural e aclara que não se estariam levando em conta que as zonas rurais possuem necessidades novas, típicas da sociedade pós-industrial, como a definição de áreas industriais, de moradia e de preservação ambiental, etc. (MIOR, 2005).

O êxodo rural também está ligado diretamente à masculinização da juventude. Autores e pesquisadores denominam este processo como “celibato”, quando os rapazes não conseguem constituir família. Considerando que a agricultura familiar depende da continuidade da família em uma propriedade, ter filhos e incentivar o desejo de ser agricultor é de grande importância, neste caso. O desequilíbrio demográfico é evidente no sul do Brasil chegando a 118 homens para cada

---

<sup>1</sup> Documento eletrônico não paginado. Disponível em:

<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=11&uf=00>. Acesso em: jun. 2019.

<sup>2</sup> PUTNAM, Robert (1996). *Comunidade e Democracia. A Experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, tradução de Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy (1993).

cem mulheres. Há diversas explicações para este processo, como o patriarcado que interfere no reconhecimento das mulheres nestes espaços, o trabalho designado às mulheres, em torno do lar, da família e o papel reprodutivo, o maior nível de estudo das moças, o desapego à vida rural, entre outros fatores (COSTA, 2013).

É importante ressaltar que o destino das novas gerações no campo é o próprio destino da agricultura familiar. A sociedade perde quando as terras deixam de entrar no circuito de reprodução da agricultura familiar e que acabam sendo agrupadas em grandes propriedades e/ou dedicadas à pecuária extensiva, o que reduz o número de empregos e o efeito economicamente multiplicador do trabalho (SILVESTRO, 2001). Em contrapartida, a juventude rural que sofre pela falta de oportunidade e incentivo.

De outro lado, os jovens que estão sendo descartados por essas transformações são os que tendem a estar em níveis inferiores de educação escolar, condenados, de certo modo, à participação em oportunidades de trabalho precárias fora do mundo que os educou. Não obstante, são dotados de um saber, aprendido ao longo da vida, desde a infância, como é próprio do campo, que faz deles profissionais altamente qualificados para a agricultura familiar. (SILVESTRO, 2001, p. 08).

O conhecimento que os jovens rurais possuem atualmente é insuficiente para os desafios de gerar renda em uma unidade produtiva. Ter essa consciência favorece a criação de um espaço maior para políticas públicas cujo principal fio condutor seja não só o acesso à terra, ao crédito e aos mercados, mas principalmente a mudança educacional existente hoje no meio rural.

O nível de escolaridade atual compromete o próprio exercício de cidadania, na medida que eles não conseguem sequer ter acesso aos direitos legalmente constituídos, como por exemplo, a obtenção da condição de agricultor por meio do “bloco do produtor”. (SILVESTRO, 2001, p. 106).

O novo mundo rural é heterogêneo e, portanto, precisa de uma visão ampla, multidisciplinar e coerente com a realidade e potencialidades de cada lugar. Observar as experiências de outros países que passaram por situações semelhantes, sobretudo aqueles pertencentes à União Europeia, e que já desenvolveram ações nesse sentido pode ser um ponto de partida para a criação de medidas adequadas às nossas realidades e aos nossos “Brasis” (SILVESTRO, 2001).

### **1.1. Perfil do agricultor familiar**

O Censo Agropecuário de 2017 é a segunda edição da pesquisa voltada para este público e detalha não só a agricultura familiar brasileira, como também aborda questões importantes com dados que auxiliam a traçar o perfil do agricultor. Divulgado em julho de 2019, os dados que compõe o censo confirmam que a maior parte da área rural ainda é utilizada para pastagens, mas,

mesmo assim, as famílias agricultoras são responsáveis por cultivar a maior parte dos gêneros alimentícios.

Ao todo são 15 milhões de pessoas ocupadas com atividades agropecuárias no Brasil, sendo que 80% são homens e 20% mulheres. Em Santa Catarina este cenário é ainda mais extremo, dos 500 mil agricultores, quase 90% são do sexo masculino. Questões de gênero ainda são muito presentes nos espaços rurais e fazem com que o êxodo juvenil feminino seja em maior número, como explicaram os pesquisadores da Epagri durante as entrevistas para a construção deste trabalho.

Em relação a idade, a maior parte dos agricultores está entre os 45 e 65 anos, tanto na realidade nacional, como na perspectiva estadual. Dos jovens, considerados neste trabalho aqueles com idade entre 18 e 31 anos, menos que 11% se consideram agricultores no Brasil. Em Santa Catarina a porcentagem cai para 8%, o que ressalta a falta de jovens rurais dando continuidade ao trabalho dos pais na roça. No quesito escolaridade, 23% dos agricultores brasileiros têm apenas o primário, número que chega a quase 50% dos produtores rurais catarinenses.

Outro ponto importante que ajuda a entender esse perfil é em relação a capitalização. Um estudo da FAO/INCRA (2000) propôs a seguinte divisão: agricultores capitalizados (A), em processo de capitalização (B), em descapitalização (C) e descapitalizados (D). Esse último grupo representava cerca de 39,4% de todos os estabelecimentos de agricultores familiares. Na região sul, a porcentagem cai para 24,6%. Ainda assim, se juntado com o grupo de agricultores familiares em descapitalização, somam 40%. Os números podem estar um pouco desatualizados, mas não deixam de ser importantes. Tratam-se de agricultores que têm menos terras, menos acesso à tecnologia, crédito, financiamento para investimentos e menor renda bruta anual, às vezes com renda negativa, seja por produzir para subsistência ou por conta de riscos. O Censo Agro 2017 também destaca isso, revelando, por exemplo, que 85% dos agricultores do Brasil não possuem nenhum tipo de auxílio através de financiamento.

De acordo com a pesquisa, do total de estabelecimentos agropecuários do país, 77% (3.897.408) foram classificados como de agricultura familiar, sendo responsáveis por 23% do valor da produção e ocupando uma área de 80,89 milhões de hectares. Em 2017, a agricultura familiar ocupava 10,1 milhões de pessoas, 67% do total de trabalhadores nos estabelecimentos agropecuários. Em 2006, a agricultura familiar respondia por 84,4% dos estabelecimentos agropecuário, com um total de 4.367.902, o que mostra uma pequena queda.

## 2. JUSTIFICATIVAS

### 2.1. Tema

As informações e o contexto relatado na apresentação deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ressaltam, acima de tudo, a importância da agricultura familiar. Ela é responsável, primeiramente, pela maior parte da produção de alimentos que compõem a mesa dos brasileiros. Em segundo lugar, essas propriedades são capazes de gerar mais empregos para a população rural do que a agricultura patronal. Este ponto é interessante, pois são exatamente esses empregos que ainda mantêm parte da população, como os jovens, no campo. E, por último, a preservação ambiental. A agricultura familiar causa menos impacto na natureza do que qualquer outro tipo de agronegócio (MATTEI, 2014).

A agricultura familiar, entretanto, não é pauta comum dos meios de comunicação. Quando é, se resalta sempre as políticas públicas desenvolvidas pelo governo para o agronegócio como um todo. Raramente a agricultura familiar é o tema central. Abordagens como as verbas reservadas para o Plano Safra da Agricultura Familiar e o crescimento em relação ao ano anterior pautam jornais todos os anos. Assim, também outros programas, como o Bolsa Família, são pautados, mas nunca relacionados diretamente com a agricultura familiar.

Silva (2016) analisou como a mídia brasileira construiu sentidos sobre a agricultura familiar durante as décadas de 1940 – 1980, época da conhecida Revolução Verde, período que a agricultura passou por transformações, como maior uso de agrotóxicos e fertilizantes, utilização de sementes melhoradas e a mecanização da produção. No artigo<sup>3</sup> concluiu que a mídia projeta uma imagem de desenvolvimento, apresentando sentidos favoráveis à mecanização da agricultura e às novas tecnologias. Enquanto isso, constrói sentidos negativos sobre a agricultura familiar, descrita como uma atividade atrasada, que apenas gera pobreza, sacrifício e sofrimento. O agronegócio atualmente exibido na grande mídia como um “modelo de sucesso”, com suas grandes máquinas e hectares sem fim de plantações, são vistos como efeitos da história produzida pelos próprios meios de comunicação.

O jornalismo hegemônico dá voz aos agentes institucionais ligados aos governos, empresas e universidades, enquanto fontes populares se fazem presentes em ações dispersas, dissociadas de movimentos sociais. Questões simples não são respondidas e/ou retratadas: quem são esses agricultores familiares? Onde estão, como vivem e que dificuldades enfrentam? Para além disso:

---

<sup>3</sup> Documento eletrônico não paginado. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historia-do-jornalismo/agricultura-e-a-construcao-da-memoria-no-jornalismo-os-sentidos-sobre-a-agricultura-familiar-nas-paginas-dos-jornais-no-periodo-pos-revolucao-verde-1940-2013-1980/view>. Acesso em: jun. 2019.

como é o relacionamento familiar? Qual o futuro da agricultura? Como é o processo sucessório e quais as problemáticas em relação aos jovens rurais?

O período denominado como juventude, assim como os outros períodos da vida, possui suas peculiaridades. É composto por desejos, vontades, sonhos e ações próprias desta fase. No Brasil, há poucas políticas públicas pensadas para a vida dos jovens, principalmente nas áreas rurais. Faltam condições para geração de renda, lazer, educação, saúde, entre outras questões que contribuam para a juventude se estabelecer no campo com qualidade. Atualmente, vivemos em uma era que permite conexão entre o jovem com o mundo. A internet e as redes sociais fazem parte do cotidiano de grande parte deste segmento social. Pensar políticas públicas em pleno século XXI, para este público, requer considerar as interações e relações dos jovens com o entorno e em como associar tudo isso com a vida no campo.

O trabalho aqui realizado tem como foco, portanto, a juventude rural e suas famílias, cuja fonte de renda seja a agricultura familiar. A temática abordada está diretamente relacionada a mim, jovem, filha de uma geração inteira de agricultores e residente de uma área rural. A escolha do tema partiu então de uma inquietação pessoal diante da própria realidade, onde parte dos jovens de meu convívio, filhos de agricultores, optaram por permanecer no campo, enquanto outros decidiram pela vida longe da agricultura. Opção esta escolhida por mim, quando, em 2015, decidi estudar Jornalismo na “cidade grande”.

O compromisso do jornalista com a sociedade faz com que seja seu dever tratar das questões sociais em diversos âmbitos no país e observar com cautela temas pouco pautados pelas grandes mídias. Cada vez mais pesquisas têm mostrado a importância da discussão sobre agricultura familiar e a sucessão hereditária. Dados como da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária demonstram um futuro incerto do campo. Segundo estimativas de especialistas da instituição, 40% dos produtores rurais sairão da atividade até 2030 (Embrapa, [201-]). Esta reportagem justifica-se, portanto, por dois aspectos: a evidência de um problema social raramente debatido que pertence a um público pouco retratado e a busca por informações que contribuam para possíveis soluções.

Deste modo, o presente trabalho partiu dos seguintes questionamentos: (a) quais os impasses encontrados no processo sucessório na agricultura familiar, (b) quais os motivos que fazem com que os jovens optem pela vida nas cidades, (c) quais as razões que levam outros a permanecer na roça, (d) os dilemas da juventude rural, entre ficar e partir e (e) quais as possíveis consequências da falta de sucessores que continuem a gerenciar a propriedade.

## 2.2. Mídia

Em relação a escolha da mídia, na decisão pela grande reportagem em texto pesou a minha experiência com jornalismo impresso, área na qual me sinto mais à vontade desde o início da graduação. Pensando que a maioria das personagens desta reportagem não tiveram a oportunidade de concluir os estudos básicos e que tudo o que sabem foi passado de geração em geração, a construção deste texto seguiu por este caminho, sendo o mais simples possível, com riqueza de detalhes, de forma orgânica, inspirada na frase de Walter Benjamin. “Os grandes escritores de histórias são aqueles cuja escrita menos se distingue dos discursos dos inúmeros narradores anônimos. A fonte onde beberam todos os narradores é a experiência que anda de boca em boca”. Assim também complementa Camara Jr., ao lembrar que a origem da escrita vem da língua falada e que deve ser apreciada na escrita.

Por isso, para bem se compreender a natureza e o funcionamento da linguagem humana, é preciso partir da apreciação da linguagem oral e examinar em seguida a escrita como espécie de linguagem mutilada, cuja eficiência depende da maneira por que conseguimos obviar à falta inevitável de determinados elementos expressivos. (CAMARA Jr, 1986, p. 14)

Assim, ao longo das entrevistas para a realização deste trabalho fui descrevendo em meu bloquinho algumas percepções, o jeito das pessoas e suas reações, o lugar, as cores e cheiros. Parti do princípio de que muitos detalhes importantes não podem ser capturados nem por áudio ou foto, apenas ser descritos por meio de palavras. Todas as anotações me auxiliaram depois na construção e estruturação do texto.

Uma das ideias iniciais deste trabalho foi estabelecer um relacionamento mais próximo entre fontes e repórter, com maior liberdade para utilizar um estilo literário e pessoal no produto final. Minhas inspirações foram e sempre serão as reportagens da jornalista Eliane Brum, mulher e profissional incrível que dá espaço aos invisíveis, anônimos que habitam as cidades e os campos e que raramente têm voz. Com sensibilidade, Brum é capaz de escrever a história oral que o Brasil ousa em não ouvir. Assim também acontece nos trabalhos de Daniela Arbex, principalmente no livroreportagem “A história não contada da Boate Kiss”, e na grande reportagem “Sobre a sede” de Vitor Hugo Brandalise, publicada em três edições do jornal Estadão. Todas estas obras foram inspiração para este trabalho, especialmente as produções de Brandalise, egresso do curso de Jornalismo da UFSC, pois através destas leituras me encontrei ainda mais no jornalismo de paciência, que chega na camada mais profunda de uma história.

Os trabalhos de Brum, Arbex e Brandalise são fonte rica de conhecimento e foram um norte para a realização desta grande reportagem. Sempre com a consciência de que não existe uma receita para fazer jornalismo, afinal cada tema sugere um caminho diferente. O que importa é que o

produto final seja o resultado de um processo verdadeiro, para mim como repórter e singular no sentido do assunto retratado. Porque, sendo o caminho verdadeiro, o produto tende a se aproximar ao máximo da realidade, ou seja, a verossimilhança. Cada reportagem é única, por isso oferece um discurso singular. Assim também é singular a maneira de procurar caminhos e a forma de aplicar os métodos encontrados. (GUIRADO, 2004).

[...] a reportagem é entre os gêneros jornalísticos, aquele que mais se aproxima da ideia estética de reconstrução de uma dada realidade. Um processo de criação semelhante ao utilizado na produção literária, que por vezes incita a ambivalência entre realidade e ficção, porque, ao transformar o visto ou sabido pelo dito, o repórter recria, segundo seu olhar, alguns aspectos do fenômeno. (GUIRADO, 2004, p. 107).

A grande reportagem possui características específicas que a tornam tão particular e fascinante. Na prática, porém, estas características se tornam desafios para o jornalista. Segundo Kotscho (1989, p.32), a informação e a emoção são as duas principais ferramentas do repórter, e o segredo é saber dosá-las na medida certa em cada matéria. Para o autor, esse formato, apesar de complexo, consiste em elementos considerados simples: “[...] ver as coisas de perto, com tempo; cheirar, com calma”. (KOTSCHO, 1989, p. 78).

A grande reportagem rompe todos os organogramas, todas as regras sagradas da burocracia – e, por isso mesmo, é o mais fascinante reduto do Jornalismo, aquele em que sobrevive o espírito de aventura, de romantismo, de entrega, de amor pelo ofício. (KOTSCHO, 1989, p. 71).

Pela minha afinidade com o meio impresso, trazer essas sensações e esses aspectos de humanização em uma reportagem em texto seria muito mais proveitoso que em outro formato. Por tudo isso, foi possível adquirir mais liberdade para o desenvolvimento da escrita. Além disso, por estar trabalhando com pessoas simples e que, normalmente, tem uma certa timidez, chegar no local com câmeras e demais equipamentos para gravação de vídeo, por exemplo, faria com que a conversa não rendesse como gostaria. Acredito que algumas personagens não teriam contado algumas histórias ou que o jeito de se comportarem seria diferente, talvez até menos espontâneo.

A narrativa se divide em seis retrancas que poderão ser divulgadas todas juntas, assim como foram diagramadas para apresentação deste trabalho, ou divididas em séries de reportagens para meio impresso ou *online*, com a possibilidade até de divulgar maior número de fotos. O texto se sustenta em entrevistas com quatro especialistas/pesquisadores da área e onze jovens e suas famílias residentes do município de Antônio Carlos, localizado na Grande Florianópolis. Além disso, foram feitas consultas com líderes locais e órgãos do município. Através de entrevistas, perfis e relatos, a reportagem (1) conta a história individual, (2) o dia a dia profissional, (3) as implicações na vida pessoal e familiar, (4) os dilemas da juventude (5) o relacionamento com os filhos e (6) o processo sucessório da propriedade rural.

### 2.3. Local

Como já foi mencionado anteriormente, o tema deste trabalho é pouco debatido em nossa mídia tradicional e infelizmente não possui muitas informações específicas. Assim, não existe um dado que aponte as consequências da falta de sucessores no campo e/ou as problemáticas da juventude rural no estado de Santa Catarina, na Grande Florianópolis, muito menos no município de Antônio Carlos. Existe apenas alguns dados gerais, que não deixam de ser importantes.

Segundo o Censo de 2010, Antônio Carlos possui cerca de 7.500 habitantes, sendo que 68% equivale a população rural. De acordo com o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e a FJP (Fundação João Pinheiro) 53% dos jovens entre 18 e 20 anos tem o ensino médio completo, número extremamente superior a 1991, por exemplo, quando apenas 8% da população jovem havia completado o terceiro grau.

A produção agrícola é responsável por 150 mil toneladas por ano – sendo o maior produtor de hortaliças de Santa Catarina, por isso o município é considerado a Capital Catarinense de Hortaliças e Hortifrutigranjeiros e abastece a maior parte da região da Grande Florianópolis, Ceasa, restaurantes, supermercados, além das feiras e sacolões espalhados pelo litoral catarinense.

Além disso, Antônio Carlos é a cidade natal dos meus pais e de toda a minha família e onde vivo nesses meus 22 anos. Sou também uma jovem rural, filha de agricultores e não faria sentido para mim realizar este TCC em outro lugar senão no município dos verdes vales. Além de ser a conclusão do curso de Jornalismo, este trabalho resgata memórias da população antônio-carlense, problematiza questões importantes para o meio rural, conta os dilemas dos jovens e, mais do que tudo, é a forma que encontrei para homenagear o meu amado município.



### 3. PROCESSO DE PRODUÇÃO

#### 3.1. Pré-apuração

O tema desta reportagem surgiu na quinta fase do curso de Jornalismo quando buscava por uma pauta na disciplina de Redação V ministrada na época pela professora Maria Terezinha. Hoje, alguns semestres depois, nossos caminhos se entrelaçam novamente, agora como orientadora e orientanda. Nesse período da faculdade eu já tinha certeza que queria trabalhar com temáticas que perpassam o meio rural, falar com pessoas do campo, simples, humildes, trabalhadoras e cheias de histórias. A ideia se confirmou no sétimo semestre quando cursei Jornalismo, Cidade e Ambiente, uma disciplina optativa para o currículo antigo, mas que fez uma diferença gigantesca na minha trajetória, pois a partir dela comecei a observar melhor o ambiente como um todo, com suas inúmeras intersecções. Apesar disso, a pauta em si só surgiu no oitavo semestre durante a disciplina de Planejamento de TCC.

A ideia surgiu depois de ouvir uma conversa entre meu pai Antônio e meu avô Nelson, ambos agricultores. Eles discutiam em um domingo pós almoço qual seria o futuro da agricultura, já que, segundo eles, os jovens não queriam mais trabalhar no campo, debaixo de sol e chuva. E toda vez que eu lembrava desta conversa olhava para mim mesma, como em um espelho, e me questionava sobre as razões que me fizeram optar por não permanecer no campo. Lembrei também daqueles que decidiram ficar, especialmente de dois primos e de alguns colegas do ensino médio.

Ao iniciar as buscas na internet, percebi que raramente este tema era tratado nos meios de comunicação tradicionais. Já nas pesquisas bibliográficas, encontrei várias teses e dissertações com temáticas próximas e fiquei feliz quando finalmente comecei a encontrar livros ricos em conteúdo acerca do assunto, principalmente pesquisas realizadas por profissionais da Epagri. Confesso que me surpreendi com a profundidade e complexidade do tema, pois vai muito além da questão sucessória. São problemáticas que ultrapassam gerações, a questão de gênero no campo, a masculinização da juventude rural, a falta de acesso a demandas básicas e, infelizmente, o não reconhecimento da profissão pela sociedade em geral. Comecei a me ver nas realidades retratadas nas pesquisas.

Passei alguns meses lendo sobre o assunto, principalmente no período de Planejamento de TCC. Conversei mais sobre o tema com meus pais, questão que até então nunca tinha sido levantada abertamente na minha casa. Apesar da pauta ser tão próxima a minha realidade, senti primeiramente que só alcançaria um bom nível de argumentação depois de muito tempo de leitura e pesquisa. No entanto, notei que isso não deveria me impedir de contar a história de famílias rurais como a minha e de jovens como eu, mas ao mesmo tempo com realidades e necessidades tão específicas.

Como planejado no semestre anterior, no mês de julho optei por me aprofundar nas problemáticas do meio rural através de leitura de bibliografia. Me dediquei também neste período a buscar pesquisadores da área que pudessem me explicar e me proporcionar uma base para posteriormente realizar as entrevistas com as famílias agricultoras. Boa parte das teses que eu li foram produzidas por estudantes e pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), o que me deixou muito empolgada para conseguir maiores informações e as entrevistas em si.

Felizmente, todos os meus contatos iniciais foram respondidos com sucesso. Três pesquisadores da Epagri me receberam já na primeira semana de agosto. Com as primeiras entrevistas agendadas decidi ainda estabelecer um período máximo para a realização das demais: até a segunda semana de setembro. Pensei que seria melhor assim, pois teria cerca de um mês para escrever a reportagem e, caso precisasse voltar em alguma fonte, teria um certo tempo até o *deadline* (17/11).

### **3.2. Apuração**

As entrevistas com teóricos e pesquisadores do assunto foram as primeiras a serem feitas e aconteceram nas duas primeiras semanas de agosto. A maioria dos entrevistados se mostraram solícitos em ajudar e, além de conversarem comigo pessoalmente, me enviaram documentos e teses sobre o tema e até me presentearam com livros que poderiam me auxiliar.

Fui duas vezes até a sede da Epagri no Itacorubi. Entrevistei Rose Mary Gerber, responsável pelo projeto Ação Jovem Rural, uma das únicas iniciativas no estado totalmente voltadas para a juventude rural. Rose também é doutora em Antropologia pela UFSC e pôde me mostrar diferentes perspectivas sobre o tema. Este projeto está presente em todo o estado e possui coordenadores regionais. Como meu local de apuração é o município de Antônio Carlos, entrevistei a Ivanda Masson, responsável pela gestão e execução do projeto na região da Grande Florianópolis. Ivanda conseguiu abrir meu olhar para pontos importantes que perpassam o meio rural, como a perspectiva de gênero, geração e a cidadania, ou a falta dela. Ela também foi uma ponte para eu chegar até um dos meus entrevistados, Breno Besen, o único jovem de Antônio Carlos que participou do curso oferecido pela empresa e que trabalha na roça juntamente com seu pai.

Na mesma semana me encontrei com o Engenheiro Agrônomo e pesquisador da Epagri, Célio Haverroth. Muito atencioso me recebeu com um copo de água e um sorriso no rosto. Me senti muito à vontade com todos os entrevistados, mas o Célio me chamou atenção porque o seu jeito e o modo de falar me lembrou meu pai. Não que isso tenha alguma importância, mas me marcou de uma forma muito positiva. Através dele consegui o contato de outro importante pesquisador, conhecido

nacionalmente por seus estudos na área: Milton Luiz Silvestro. O pesquisador gentilmente me respondeu via *WhatsApp* no dia seguinte e, depois de já termos marcado a entrevista, descobrimos que 551 quilômetros nos separavam. Milton reside no oeste do estado e é uma das referências quando o assunto é agricultura familiar, juventude rural e sucessão hereditária. Por isso optei por fazer a entrevista via e-mail e *WhatsApp*, já que Silvestro poderia me auxiliar com questões mais teóricas e aprofundar um pouco mais as problemáticas do meio rural. Foi o que fiz.

Na terceira semana de agosto me dediquei a transcrever as primeiras entrevistas, destacar citações e dados importantes e contatar as demais fontes. Marquei uma conversa com o Secretário de Agricultura do município de Antônio Carlos para começar a entender as dinâmicas da cidade e questões que até então tinham passado despercebidas. Ele levantou pontos interessantes como o papel da igreja católica e a tradição política. O mesmo não aconteceu com o responsável pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais do município. Ele ficou me “enrolando” por uma semana e depois fiquei sabendo por meio da secretária que “ele não mostrou interesse, não curte muito entrevistas”. Não que seja uma questão de interesse, fiquei eu pensando. Não desisti tão fácil e me desloquei até a sede para tentar pegá-lo “desprevenido” e conseguir uma entrevista que me ajudasse a entender sobre o sindicato e seu papel enquanto uma entidade representativa. Mas a tentativa não surtiu efeito. Conversando com minha orientadora, concluímos que, dadas as circunstâncias, a fonte não seria relevante.

Em meio a esse pequeno contratempo entrei em contato com a sede da Epagri em Antônio Carlos e fiz a entrevista na mesma semana. Fui recebida por dois Engenheiros Agrônomos, a Rosilda e o Jerônimo. O contato com a Epagri foi essencial, pois assim consegui realmente chegar as minhas fontes. A Casielly Mendes, Engenheira Agrônoma responsável pela sede em Antônio Carlos, fez esse primeiro contato com os agricultores apresentando o meu trabalho e o meu desejo de conhecê-los. Sete agricultores aceitaram abrir suas portas, vidas e lavouras.

Nem todas as entrevistas em si foram utilizadas na reportagem, uma vez que meu intuito era priorizar o depoimento dos jovens rurais e de suas famílias e não de fontes oficiais, com muitos dados e números, o que torna às vezes o texto duro, frio e, às vezes, até de difícil compreensão. Utilizei a maior parte dessas conversas para guiar minha narrativa, encontrar novas fontes e auxiliar nas entrevistas com as personagens.

Sobre os protagonistas da reportagem. Os primeiros que entrei em contato foram Josiane e Ricardo. O casal foi um dos contatos que a Casielly Mendes da Epagri me passou. Eles se mostraram dispostos desde o princípio a conceder entrevista. Nos encontramos no final de agosto. Confesso que estava um pouco nervosa, com medo de não conseguir conduzir a entrevista. Conforme fomos conversando, minha tensão baixou e, quando vi, já estávamos compartilhando o chimarrão. Ao final da entrevista, eles me indicaram outra fonte, a família Richartz, que mora há

alguns metros da casa. Por sorte eu tinha o contato do José Hygor, o filho mais novo da família. Nós estudamos juntos durante o ensino médio e, embora não muito próximos, sempre tivemos um relacionamento amigável. Nosso pai também eram colegas quando jovens e até hoje quando se encontram sempre acabam conversando sobre roça ou futebol. Assim, logo entrei em contato com ele. A entrevista demorou um pouco para sair porque os horários não coincidiam, mas, depois de duas semanas, consegui me encontrar com todos da família, que mora no bairro Rio Farias.

Foi assim que angariei as outras fontes, sempre com indicações. Fui também na casa do jovem Pedro Rodrigues, que me indicou ainda o primo Matheus Besen que estava morando em Portugal. Fiz a entrevista com ele via *WhatsApp* e achei necessário falar também com seus familiares, afinal o Matheus havia decidido sair da roça, mas seu irmão Felipe pretende ficar. Seria mais uma história interessante para contar.

Se eu continuasse seguindo as indicações de cada personagem estaria até hoje conversando com as famílias de Antônio Carlos. O que seria muito legal, pois sempre fui recebida com simpatia, aconchego e uma xícara de café. Como já estava na metade de setembro, decidi encerrar as entrevistas para fazer um balanço dos conteúdos.

A dificuldade em sintetizar todas as entrevistas foi uma das partes mais complicadas. Para facilitar, optei em transcrever apenas as entrevistas com pesquisadores/fontes oficiais, que resultou em 89.007 mil caracteres. As demais entrevistas, com os agricultores, decidi ir ouvindo aos poucos e fazendo anotações em pontos importantes da conversa. Tudo isso demandou muito tempo e um cuidado especial na hora de selecionar os temas que entrariam na reportagem. Ao todo, foram gravadas cerca de 12 horas de entrevista.

Em relação às fontes, encontrei pessoas sempre dispostas a ajudar, principalmente quando tomavam conhecimento de que eu também fazia parte do meio rural. A partir desse momento as entrevistas até fluíam com mais naturalidade, tanto por parte das personagens, quanto da minha, guiando com mais firmeza as entrevistas.

Na metade de setembro, comecei a reler as transcrições que fiz durante o processo de apuração e ouvir os áudios com os agricultores, que optei por não transcrever. A partir destas primeiras anotações, comecei a elencar temáticas importantes que deveriam estar presentes na narrativa e assim fui estruturando o texto.

Todas as entrevistas foram feitas presencialmente, em três cidades diferentes: Florianópolis, Antônio Carlos e Biguaçu. Exceto duas que realizei via *WhatsApp*: o entrevistado Milton Luiz Silvestro que mora em Chapecó e o jovem Matheus Besen que está em Portugal. As entrevistas foram gravadas com um aplicativo de celular e transferidas para o *Google Drive* assim que terminavam. Posteriormente, as salvava em meu computador, no *drive* e em um *pen drive*.

Nas primeiras entrevistas com os teóricos e pesquisadores montei roteiros de perguntas para poder me guiar. E isso me ajudou muito. No entanto, nas conversas com os agricultores senti que o diálogo ficou “engessado”. Afinal, eles olhavam com frequência para o meu caderno, aguardando algumas das perguntas que estavam lá, principalmente quando estavam sentados ao meu lado e conseguiam ler tudo. Isso aconteceu nas primeiras entrevistas, com a família do Pedro Rodrigues, principalmente. Com a família Richartz foi diferente, fiquei mais de duas horas conversando.

Dessa forma, desisti dos roteiros de perguntas. Como a maioria das entrevistas foram na residência e no trabalho (que são no mesmo lugar, quando se trata de agricultura familiar) dos entrevistados, tentei tratá-los como se estivesse ali para uma simples conversa. O fato de ser na minha cidade e de todo mundo conhecer todo mundo me ajudou nesse ponto. Eu chegava na casa das pessoas e me perguntavam: “*de quem tú és filha?*” Quando eu dizia que era filha do Ditcha e da Léia ou então neta do seu Flório do Morro dos Mannes em Rachadel, pronto. Daquele momento em diante eu me tornava parte da família. Para não me perder decidi dividir a entrevista na minha mente em eixos principais: história de vida, profissão, família e futuro. Com esse simples roteiro mental, um bom par de sapatos (um tênis que voltava cheio de barro para casa) e um caderno de anotações, fiz minhas principais entrevistas (CHEKHOV, 2007). Abordava a vida cotidiana, o dia-a-dia na lavoura, suas produções, afazeres. E, aos poucos, ia perguntando sobre momentos de dificuldades e as problemáticas que envolvem o trabalho e a família.

Nos finais de semana aproveitei também para frequentar ambientes comuns das famílias agricultoras, como as celebrações católicas, jogos de futebol, botecos e bares e festas populares da cidade. Nestes lugares pude observar os agricultores de uma outra maneira, no seu dia de folga e dedicado ao lazer.

### **3.3. Redação**

Depois de reler as transcrições e ouvir alguns áudios das entrevistas, comecei a estruturar as retranscricões. A primeira, chamada Verde Vale, que fala sobre a cidade de Antônio Carlos, suas características, história e tudo que está ligado ao município. A ideia inicial era diluir essas informações durante as outras retranscricões, porém, ao tentar colocar em prática, senti dificuldade em organizar as informações de modo a não atrapalhar as histórias que estavam sendo contadas. Assim decidi dedicar uma retranscrica para este tema, aproveitando também para introduzir algumas histórias dos agricultores. Ao reler, no entanto, notei que faltava uma ligação entre elas, por isso voltei diversas vezes para aprimorar o que já havia feito.

Comecei a escrever esta primeira retranca na metade de setembro. A partir dela, mapeei outros assuntos que foram levantados durante as entrevistas e, como o meu desejo era de dar protagonismo aos agricultores, estruturei as retrancas seguintes a partir dessa observação.

A segunda retranca, chamada “Se o colono não planta a cidade não janta”, surgiu justamente depois de ouvir a frase repetidas vezes durante as entrevistas. Eu já tinha conhecimento desse ditado famoso na cidade, mas não havia tido a ideia de abordá-lo com profundidade antes disso. Nesta retranca da grande reportagem, eu problematizo a importância da cidade de Antônio Carlos, enquanto Capital Catarinense das Hortaliças e dos Hortifrutigranjeiros, e apresento a história de dois jovens, ligada através da produção de orgânicos, diferentemente da maioria dos produtores do município. Ambientei a casa deles (ou o lugar onde ocorreu as entrevistas) e trouxe características de cada um, bem como de suas famílias.

Na terceira retranca, ‘Quem fica, quem sai e quem volta’, trato sobre o principal assunto da reportagem, a decisão entre ficar ou partir e a sucessão familiar na agricultura. É a parte mais extensa do trabalho, onde levanto questões importantes como estudar *versus* trabalhar na roça, o incentivo e a influência dos pais na decisão e os motivos das suas escolhas. Apresento nesta retranca a história de quatro famílias, totalizando nove jovens. Para organizar as histórias dividi o texto em intertítulos: “Igual a Andorinha eu parti sonhando”, Tal pai, tal filho, “As andorinhas voltaram”, Opção ou fatalidade? e “Pousar no velho ninho”. Os nomes foram retirados das falas dos personagens e, alguns deles, remetem a música ‘As andorinhas voltaram’ do compositor Alcino Alves, consagrada na voz do grupo Trio Parada Dura.

A quarta retranca, chamada de ‘Família e o poder paterno’, aborda o relacionamento familiar dos produtores agrícolas de Antônio Carlos, já que a família e o negócio estão diretamente ligados. Decidi abordar este assunto por conta da recorrência do tema durante as entrevistas. O símbolo paterno e a figura masculina ainda têm um poder muito grande e resultam na falta de autonomia dos filhos e a diferenciação de gênero. Por isso o número de meninas que pretendem sair da roça é muito maior que os rapazes, por exemplo. Isso também vem da influência da igreja católica, que foi a única religião na cidade por muito tempo. Nesse momento aproveitei as falas de personagens mais antigas para realizar um pequeno resgate histórico. No intertítulo ‘Teimoso é quem teima com alemão’, trato também do choque de ideias entre pais e filhos e o empreendedorismo dos jovens.

Na quinta retranca, ‘Jovem é jovem em todo lugar’, trabalho com os problemas que o jovem encontra na área rural em relação a diversão, lazer e incentivo por parte do poder público e de órgãos do próprio município, como a Secretaria de Agricultura, Epagri e o Sindicato dos Produtores Rurais. Neste espaço também trago relatos dos jovens que observam um certo preconceito com a profissão de agricultor e sentem que nem sempre são valorizados como deveriam. O nome da

retranca saiu da entrevista com uma pesquisadora, a Ivanda Masson, que problematiza a falta de cidadania no espaço rural, principalmente em relação aos jovens.

Para finalizar a reportagem, senti a necessidade de falar sobre os entrelaces das histórias que contei nas retrancas anteriores, em como elas se complementam e se cruzam, tanto entre as personagens que entrevistei, como em relação a mim, enquanto jovem rural, filha de agricultores. Incentivada pela minha orientadora, decidi colocar em prática a minha ideia de fazer algo como um *making of* da reportagem, assim como existe tradicionalmente nos formatos em vídeo. A última retranca, ‘Histórias entrelaçadas’, é, portanto, um texto mais reflexivo, autoral e com um caráter conclusivo, em que eu volto a questão que coloco na abertura: ‘a roça é boa?’. Como todo trabalho há um ‘problema’, aqui se encontra o meu, pois é a partir da resposta desta questão que jovens como eu decidem ficar ou partir.

Nas transições de retrancas, tentei deixar um gancho para a próxima leitura, a fim de instigar a curiosidade do leitor. Esse processo demandou tempo, pois era difícil interligar todas as histórias. O maior desafio era combinar a história de seis famílias sem deixar o leitor confuso, se perder e não entender bem de qual personagem eu estava falando. Por isso, optei por repetir mais vezes os nomes das personagens (e não substituir por outras palavras), bem como realçar características das próprias ao longo dos textos, para que ficassem bem marcadas.

O processo de produção do texto, que teve início na metade de setembro, terminou somente no final de outubro, pois eu tinha apenas os finais de semana para me dedicar a isso, já que outras disciplinas na UFSC e o estágio me ocupavam durante toda a semana. Escrevi cada retranca em ordem e conforme ia terminando, enviava para a orientadora para revisar. Enquanto terminava os textos da terceira e da quarta retrancas, recebi a correção da primeira com algumas sugestões da orientadora. Reescrevi algumas partes que ficaram confusas, reforçando o nome das personagens, e aprimorei as transições entre os intertítulos. Essas questões apontadas pela professora Terezinha me serviram como alerta para ter maior atenção durante a construção dos demais textos. Minha mãe, Mariléia, também foi minha revisora neste período. Após a finalização de cada texto ela me ajudava lendo e sugeria modificações, principalmente em algumas ligações entre as retrancas, que inicialmente julgou confuso.

Os títulos das retrancas vieram principalmente com base no depoimento dos entrevistados. Já o nome da reportagem surgiu durante a construção do projeto de TCC e se confirmou durante minha apuração, pois percebia através das falas dos jovens os dilemas que estavam encontrando e como era importante e ao mesmo tempo assustador a decisão entre ficar ou partir. No semestre anterior, no entanto, eu havia pensado em tratar mais sobre a sucessão familiar na agricultura, mas, ao conversar com as famílias, entendi que esse tema engloba inúmeras outras questões. Decidi então contar a história desses jovens e das suas famílias e abordar principalmente suas escolhas,

dificuldades e desejos, assim, conseqüentemente, eu já estava trabalhando com a questão da sucessão da propriedade/negócio.

Ao final da redação deste trabalho cheguei ao número de 121 mil caracteres, o que me deixou um pouco assustada de início. Para quem pretendia escrever algo em torno de 50 mil caracteres, ver as 60 páginas no *Google Drive* fez aparecer inúmeras perguntas, sendo a principal delas: será que ainda é uma grande reportagem? Muito receosa conversei com minha orientadora que, gentilmente, me atendeu com calma e abriu um debate importante sobre as diferenças com um livrorreportagem. Decidimos, portanto, que sim, este trabalho é uma grande reportagem e poderá ser divulgado em forma de série de reportagens, seja em meio impresso ou *online*. Entendemos que um livrorreportagem é também uma grande reportagem com tema tratado em aprofundamento ainda maior e publicada em formato de livro, portanto, com periodicidade diferente das mídias em que se costuma publicar as grandes reportagens ou séries de reportagens. Nada impede, portanto, que posteriormente este trabalho seja publicado em forma de livrorreportagem, com algumas pequenas adequações, como inclusão de sumário, por exemplo.

### 3.4. Fontes

As fontes utilizadas para a construção desta grande reportagem em texto se baseiam principalmente em moradores da cidade de Antônio Carlos com perfil específico, pai e mãe agricultores com filhos jovens ou apenas jovens. A faixa etária considerada como juventude foi entre 18 e 31 anos. Além disso foram entrevistados líderes locais e representantes de órgãos oficiais do município. Pesquisadores também foram consultados e as entrevistas com eles foram um norte para a conversa com as famílias agricultoras. Ao todo foram 35 fontes consultadas. A seguir, uma tabela com nome e uma breve descrição.

Beleza Bike	Loja de bicicletas da cidade; os donos realizaram um levantamento do número de ciclistas em Antônio Carlos
Breno Besen	Único jovem de Antônio Carlos que participa do curso da Epagri
Camila Guesser	Filha de um dos sócios do Jeep Club de Antônio Carlos
Casielly Mendes	Responsável pela sede da Epagri em Antônio Carlos
Célio Haverroth	Pesquisador e Extensionista da Epagri
Claudemir Besen (Nerinho), Rosemary Besen (Rosa) e Felipe Besen	Família agricultora de Antônio Carlos; pais e irmão de Matheus Besen



Francisco Rodrigues, Rosmere Besen e Pedro Rodrigues	Família agricultora de Antônio Carlos; produtores orgânicos
Franklin Richartz e José Hygor Richartz	Irmãos, filhos de Terezinha Schmitt e Francisco Richartz; jovens agricultores
Geiza Mannes e Gislaine Mannes	Irmãs, filhas de Terezinha Kuhn e Gilmar Mannes; jovens rurais que se formaram na faculdade
Gilmar Flório Mannes e Terezinha Kuhn Mannes	Casal de agricultores de Antônio Carlos; pais de Guilherme, Geiza e Gislaine
Guilherme Gilmar Mannes e Gabriela	Casal de jovens agricultores; Guilherme é filho de Terezinha e Gilmar Mannes
Ivanda Masson	Pesquisadora da Epagri e Coordenadora do projeto com jovens rurais na Grande Florianópolis
Jeronimo Veppo	Engenheiro Agrônomo e Extensionista da Epagri em Antônio Carlos
José Martin Kuhn	Agricultor aposentado; auxilia no trabalho da roça da filha Terezinha Kuhn e o marido Gilmar Mannes; avô de Guilherme, Geiza e Gislaine
Josiane Lopes e Ricardo Lopes	Casal de jovens agricultores; produtores orgânicos
Josiane Pitz	Secretária do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Antônio Carlos
Luciano da Cunha	Secretário de Agricultura de Antônio Carlos
Márcio Besen	Agricultor; pai de Breno Besen
Matheus Besen	Filho de Claudemir e Rosemary, ambos agricultores; decidiu sair da roça e mora atualmente em Portugal
Milton Silvestro	Pesquisador aposentado da Epagri; referência nacional quando assunto é jovens e sucessão rural
Nelson Koch	Agricultor aposentado, conhecido em Antônio Carlos por sua expertise em diversos assuntos do município; meu avô paterno
Rose Mary Gerber	Antropóloga e Coordenadora Estadual do trabalho com jovens rurais da Epagri
Rosilda Feltrin	Engenheira Agrônoma da Epagri em Antônio Carlos
Terezinha e José Anastácio Richartz	Casal de idosos, agricultores aposentados; avós dos jovens Franklin e José Hygor
Terezinha Schmitt Richartz e Francisco José Richartz	Casal de agricultores, pais de Franklin e José Hygor

### 3.5. Diagramação

Opto que a diagramação não seja objeto de avaliação deste trabalho. Ela foi feita com o intuito de tornar a leitura mais agradável e entregar um produto melhor finalizado, até para a composição do principal material do meu portfólio. A diagramação foi feita pelo noivo da minha colega de turma, Carol Gómez, o Designer Otávio Francisco.

A ilustração da capa veio de uma indicação da minha irmã, Natalia, que tem um colega muito talentoso, o jovem Nicolas Avansini de apenas 17 anos. A ideia de usar pássaros surgiu depois de eu ouvir meu pai cantando e tocando no violão a música ‘As andorinhas voltaram’, imediatamente a letra me remeteu ao meu TCC, no sentido de que, assim como muitos jovens, as andorinhas voam para longe do ninho, em determinado momento voltam, e, algumas permanecem.

Inicialmente havia planejado que eu mesma faria a diagramação do material, mas, devido ao pouco tempo e a minha habilidade não ser tão aprofundada na área, decidi que seria mais cauteloso pedir auxílio de outras pessoas.

Foram utilizadas as fontes, *Helvética (Condensed e UltraLight)* para títulos e olhos, variando nos tamanhos, e, no corpo do texto, *Open Sans*, tamanho 9 e entrelinha 12, proporcionando maior dinamismo na hora da leitura. Pensando em uma experiência agradável para o leitor e por uma preferência pessoal, optei pela impressão em tamanho A5, que não torna a leitura por página algo extenso, além de ser de um tamanho acessível para carregar em bolsas e mochilas no dia a dia. Depois de diagramada, a reportagem totalizou 87 páginas, impressas em colorido, tamanho 15 x 21 cm, com papel *couché* fosco na capa, gramatura 250g/m<sup>2</sup>, e papel *offset* branco, 90g/m<sup>2</sup>, nas páginas do miolo. Foram impressas cinco cópias, sendo três para a banca, um para uso pessoal e outra para presentear meu avô Nelson, que tanto me inspirou neste trabalho e na vida. Posteriormente pretendo fazer mais cópias para distribuir em locais específicos, como nas bibliotecas e escolas de Antônio Carlos e Epagri.

### 3.6 Fotografias

Além de anotar no meu bloquinho minhas percepções e gravar os áudios das entrevistas, resolvi também registrar os encontros com as famílias agricultoras através de fotografias. São todas de minha autoria, mas não serão objeto de avaliação, tem a função de ilustrar e complementar sentidos à reportagem, tornando-a mais completa. Apesar da presença de uma câmera incomodar um pouco, todos os agricultores foram gentis e aceitaram ser fotografados. Consegui cliques bem legais e importantes, doze deles estão presentes na diagramação impressa desta grande reportagem. Pretendo, posteriormente, compartilhar mais destas fotos quando realizar a divulgação *online* do material.

#### 4. CUSTOS

Todos os custos com este trabalho são oriundos de economia pessoal e com auxílio de meus pais. Precisei comprar alguns livros e bibliografia que não estavam disponíveis na biblioteca, que resultou em um investimento de R\$ 100,00. Utilizei transporte público para realizar algumas entrevistas, me deslocando duas vezes para Florianópolis (R\$ 8,25 ida e volta), duas do Centro para Itacorubi (R\$ 4,40 ida e volta) e uma para Antônio Carlos (R\$ 5,60 ida e volta). Como as propriedades dos agricultores eram no interior da cidade, precisei usar veículo particular para me deslocar até lá, já que não há linha de ônibus para estes locais. Foram 14 viagens (sete, ida e volta), resultando em R\$ 70,00 de gasolina. O custo final em transporte, portanto, foi de R\$ 131,80. Em relação aos equipamentos, já possuía computador (*DELL*) com acesso à *internet*, *pen drive* (64GB), câmera fotográfica (*CANON T5i*), duas lentes (*CANON 18-55mm* e *55-250*) e *smartphone* (*Iphone8 plus*) que permite captação de áudio e imagem. Não foi necessário, portanto, comprar ou emprestar nenhum outro equipamento. A diagramação do material feita por meus colegas teve o custo de R\$ 150,00 e a ilustração da capa um investimento de R\$ 55,00. Por fim, a impressão de 5 exemplares do produto final e 3 cópias deste Relatório Técnico saíram por R\$ 388,00.

Descrição	Valor em R\$
Transporte Público	R\$ 61,80
Deslocamento com veículo particular	R\$ 70,00
Impressão da reportagem	R\$ 350,00
Impressão do relatório e encadernação	R\$ 38,00
Livros e bibliografia para pesquisa	R\$ 100,00
Diagramação	R\$ 150,00
Capa e ilustração	R\$ 55,00
<b>Total</b>	<b>R\$ 824, 80</b>

## 5. DIFICULDADES, DESAFIOS, APRENDIZADOS

A principal dificuldade foi a grande quantidade de conteúdo apurada com os entrevistados e principalmente as personagens da reportagem. Além disso, por ser um tema da minha realidade, tive alguns problemas para conseguir me distanciar, observar o todo e não assumir o discurso das fontes. Tive, com muita frequência, receio de me colocar demais na narrativa e acabar assumindo o protagonismo da história, o que não era o objetivo desde o princípio.

Nesse sentido encontrei também alguns obstáculos nas entrevistas, pois a maioria eram com pessoas da minha cidade e, portanto, eu as conhecia, mesmo que de longe. O que era para ajudar acabou sendo um empecilho no início. Mas essa foi uma dificuldade logo superada, graças a simpatia e colaboração de cada família que me recebia.

Somado a isso, encontrei dificuldades na hora de interligar todas as histórias, sem deixar o leitor confuso. Por isso, durante as revisões encontrei muitas repetições de palavras, o que demandou um certo tempo para editar e melhorar a construção das frases.

Em relação às fontes, apesar do representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais se recusar a falar comigo, julgo que o trabalho foi tranquilo. Todos os jovens e suas famílias me receberam com respeito e conversamos abertamente sobre o tema proposto.

Outro desafio na produção deste trabalho foi o bloqueio criativo e o cansaço mental. Tive que lidar com estágio de vinte horas semanais, duas disciplinas optativas e ainda morar longe da faculdade — são três horas de ônibus por dia até minha casa em Antônio Carlos, isso sem contar tempo de espera e trânsito. Só por curiosidades fiz algumas contas e, em cinco anos de graduação, foram quatro meses dentro de um ônibus, período equivalente a um semestre de curso.

Na minha rotina semanal, todos os pequenos espaços de tempo que tinha livre utilizava para fazer o TCC, mas notei que não daria conta de tudo, por isso decidi reservar os finais de semana também. Todos os sábados e domingos de outubro, por exemplo, passei em casa em frente ao computador, mas, mesmo organizando as tarefas em um mural, me vi muitas vezes estática, sem conseguir escrever uma linha sequer. Além de enfrentar a pressão de executar o trabalho decisivo para o término do curso, a sensação de insuficiência foi frequente.

Apesar dos obstáculos, este trabalho proporcionou aprendizados incríveis e vivências que irei carregar por toda a minha vida. A maior de todas foi a oportunidade de ouvir, por horas, as histórias de agricultores, pais, avós e, principalmente, jovens como eu. Absorver cada experiência que eles tiveram, das suas decisões, dos seus receios e desejos me fez enxergar a roça de uma forma diferente e a refletir mais sobre o meio em que vivo e sobre as minhas próprias escolhas. Estar presente naquele cotidiano, idêntico ao meu, mas de uma forma diferente, enquanto repórter, me fez olhar com outra perspectiva para o meio rural. Com certeza, cresci muito após cada entrevista.

Conhecer as experiências das pessoas e os seus saberes, e colocá-los em circulação, para que sejam compartilhados por outros, é certamente uma das funções mais importantes do Jornalismo.

Além disso, meu conhecimento acerca do tema aumentou consideravelmente. Senti muito orgulho ao entrevistar quatro pesquisadores da Epagri e ter lido praticamente todas as referências que eles me passavam. Dessa forma, sinto que consegui produzir um trabalho que respeite as famílias agricultoras e, mais que isso, dá voz aos seus dilemas. A partir desta vivência, aprendi outros aspectos importantes sobre o Jornalismo: o respeito e valorização das fontes com quem fala e cita em suas notícias e reportagens, e a possibilidade de que várias pessoas, com diferentes perspectivas, possam ter voz e expressão nas produções jornalísticas.

Além disso, como jornalista, aprendi um pouco mais sobre o processo de apuração e principalmente em tomar cuidado com a quantidade de material coletado e a sua manutenção. Senti que todas essas famílias confiaram em meu trabalho e em minha pessoa, o que me trouxe uma gratidão enorme. Finalizar este TCC não é apenas um feito pessoal, mas sim uma construção coletiva. E o jornalismo é também um trabalho coletivo, que envolve muitas pessoas na produção de cada matéria. E esse é, de fato, o meu maior aprendizado. Repito: “uma andorinha voando sozinha não faz verão”.

## 5. DIVULGAÇÃO

A finalidade deste trabalho é, em primeiro lugar, conquistar o direito à formatura e colocar em prática o que foi aprendido em nove semestres dentro do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para além disso, o propósito desta grande reportagem em texto é o de estimular a valorização dos agricultores familiares e dar voz às suas histórias, em especial para aquelas que falam sobre os jovens rurais que se veem em uma realidade complexa. Os dilemas retratados neste trabalho são, sobretudo, um espaço que raramente é dado para a juventude que vive em uma cidade que favorece a sabedoria da população mais velha e esquece das problemáticas que envolvem as gerações mais novas.

Por tudo isso, este trabalho auxiliará a manutenção de uma história que também é minha, mas que precisa ser compartilhada para ficar conhecida. Muitos municípios, como Antônio Carlos, e muitos outros segmentos sociais, como os agricultores familiares, não têm sua história contada e publicada de forma mais aprofundada. O trabalho jornalístico feito ajuda também a registrar este tipo de história, que, não fossem as entrevistas jornalísticas realizadas, não seriam recuperadas, discutidas, divulgadas e, portanto, conhecidas.

Dessa forma, pretendo que este material fique disponível para a comunidade universitária para consultas futuras sobre o assunto e também para a rede educacional e cultural de Antônio Carlos, como na Biblioteca Municipal e escolas. Além disso, quero divulgar esta grande reportagem na internet, através de sites que possibilitem adicionar mais fotos ao longo da narrativa, e em plataformas que transformam o material impresso em publicação virtual, em que as páginas podem ser “folheadas”.

Para fins acadêmicos, tenho como objetivo inscrever o produto final em concursos de jornalismo, como o *Expocom* e o Prêmio de Agricultura Familiar de Jornalismo.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

**AGRICULTURA familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiros**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro> Acesso em: mar. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 jul. 2006. Seção 1, p. 1.

CAMARA Jr, J. Mattoso. **Manual de Expressão Oral e Escrita**. Petrópolis: Vozes, 1986;

CHEKHOV, Anton Pavlovich. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações**: Como fazer uma reportagem. São Paulo: Martins, 2004.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Cassiane da. Contornos do celibato no espaço rural: solteirões no sul do Brasil. **Revista Extensão Rural**. Vol. 21, n. 3. Santa Maria, UFSM, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/extensaorural/article/download/7312/pdf> Acesso em: abr. 2019

**FAO anuncia que 2014 será o ano Internacional da Agricultura Familiar**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/fao-anuncia-que-2014-sera-o-ano-internacional-da-agricultura-familiar/> Acesso em: abr. 2019

**FAO. O Estado da segurança alimentar no Brasil**: um retrato multidimensional. Brasília: 2014. Disponível em: [http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca\\_alimentar/SANnoBRasil.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/seguranca_alimentar/SANnoBRasil.pdf) Acesso em: abr. 2019.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006**. Agricultura Familiar, primeiros resultados. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Rio de Janeiro: MPOG, 2009. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro\\_2006\\_agricultura\\_familiar.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/50/agro_2006_agricultura_familiar.pdf) Acesso em: maio 2019.

IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=11&uf=00>. Acesso em: maio 2019.

IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Resultados definitivos. Disponível em: [https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/centro\\_agro/resultadosagro/index.html](https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/centro_agro/resultadosagro/index.html). Acesso em: outubro 2019

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Ática, 1989.

MATTEI, Lauro. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**. V. 45, n. 5. Banco do Nordeste: Fortaleza, 2014. Disponível em: <https://ren.emnuvens.com.br/ren/article/view/500/396> Acesso em: abr. 2019

MEURER, Wendelino. **Antônio Carlos: sua terra e sua gente**. Antônio Carlos: Edição do Autor, 2008.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

QUADROS, Clarissa de. **A participação dos jovens nas agroindústrias familiares do litoral sul catarinense e as implicações no processo sucessório**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PAGR0294-D.pdf>. Acesso em: jun. 2019.

REITZ, Raulino. **Alto Biguaçu**. Florianópolis: Editora Lunardelli/Editora da UFSC, 1988.

SILVA, Kyene Becker da. **Agricultura e a construção da memória no jornalismo: os sentidos sobre a agricultura familiar nas páginas dos jornais no período pós Revolução Verde (1940 – 1980)**. 6ª Encontro Regional Sul de História da Mídia. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). São Paulo, 2016.

SILVESTRO, Milton Luiz. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, 2001.

SILVESTRO, Milton Luiz *et al.* **Permanências e mudanças no processo sucessório da agricultura familiar no Oeste catarinense**. [S.l.: s.n.] [200-?]

ZANDER, Navarro. A agricultura familiar no Brasil: Entre a política e as transformações da vida econômica. IN: GASQUES, José Garcia *et al* (org.). **A agricultura brasileira: desempenho, desafios e perspectivas**. Ipea: Brasília, 2010.



## ANEXO

**DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE**

Eu, DIANA MANNES KOCH, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15103219 declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Ficar ou partir: os dilemas da juventude rural em Antônio Carlos** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 14 de Novembro de 2019

Diana Mannes Koch

Assinatura